

CORREIO BRAZILIENSE

05. novembro 2000

"Li as declarações de Carlos Magalhães da Silveira ao Correio Braziliense, e com o nosso companheiro me solidarizo nesse desabafo tão natural em pessoa como ele, que conhece e vive apaixonadamente os problemas desta cidade.

I. Não pertencem ao Conselho Técnico de Preservação de Brasília, mas, se pertencesse, dele teria saído no mesmo dia em que o nosso amigo se demitiu.

II. Do governador Joaquim Roriz e do seu secretário de Obras Tadeu Filippelli somente provas de apreço e consideração tenho recebido. Graças a eles, os projetos para conclusão do Eixo Monumental foram, afinal, elaborados, prontos para a construção indispensável.

Mas os argumentos que o Carlos levanta, criticando coisas que ocorrem nesta capital, são tão claros e evidentes que não podem nem devem ser ignorados.

III. Como aceitar essa idéia absurda de permitir novas construções nas coberturas dos prédios residenciais existentes, se isso agride o direito autoral daqueles que os projetaram?

IV. Como concordar com a construção dessa ponte "monumental" que pretendem localizar próximo da Praça dos Três Poderes, quebrando a escala, desmerecendo a arquitetura de seus palácios e a grandeza dessa praça tão importante para nossa capital? O que está acontecendo para tanto desatino? É isso que o povo de Brasília deveria indagar. Afinal, é a ele e a todos os demais brasileiros que esta cidade e o próprio país pertencem. Do Sul à Amazônia, hoje ameaçada e ofendida.

V. E o nosso amigo prossegue a falar dos espaços livres que o Plano Piloto preserva e começam agora a ser inva-

dados. E novamente sou obrigado a apoiá-lo, explicando que esses espaços vazios também fazem parte do urbanismo e da arquitetura, que é baseado neles que realizamos nossos projetos.

VI. E de outros problemas Carlos Magalhães se ocupa, inclusive dessa profusão de anúncios que cobrem as ruas da cidade como se Brasília não passasse de um subúrbio de Miami.

É claro que um governante não é diretamente responsável por tudo que acontece sob seu governo, embora a omissão o comprometa. Daí não personalizar nos meus textos o que questiono, limitando-me aos fatos, como agora ocorre neste pequeno artigo. Uma posição sartriana que a idade reforça e me agrada manter neste caminhar de risos e choros que é a vida.

VII. O necessário, a meu ver, no caso de Brasília, seria que os carcos da área cultural fossem ocupados por pessoas que amam esta cidade, que a admiram, que sintam como foi difícil realizá-la, corretamente, sem descanso, naquele fim de mundo.

E assim se evitaria essa atitude suspeita dos que falam em "melhorá-la", como se Brasília não fosse uma cidade conhecida em toda a parte, tombada e já definida em sua arquitetura e no seu urbanismo, digna de respeito.

VIII. Ao poder imobiliário eu aconselharia levar seus empreendimentos para as cidades-satélites, tornando-as mais acolhedoras e atualizadas, impedindo que a densidade demográfica da nova capital se multiplique e que em Brasília se repita o clima de desacerto e desespero urbano que se agrava, cada vez mais, em todas as metrópoles deste país."

Oscar Niemeyer